

## **GP LINFE – GRUPO DE PESQUISA LINGUAGEM, INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO**

**Coordenadora: Profa. Hilda Micarello – UFJF**

O Grupo de Pesquisas LINFE reúne professores, graduandos e Pós-graduandos da faculdade de Educação da UFJF, colaboradores da rede pública municipal de ensino de Juiz de Fora e pesquisadores do CAEd/UFJF (Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação). Constituído em 2013, o GP-LINFE desenvolve, com base no referencial teórico-metodológico da psicologia histórico-cultural e da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, pesquisas sobre os temas do currículo, formação de professores, práticas pedagógicas e avaliação na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. O conjunto de trabalhos que serão aqui apresentados referem-se a um estudo longitudinal realizado ao longo dos anos de 2010 a 2013 no qual um grupo de crianças e seus professores foram acompanhados no último ano da educação infantil e nos três primeiros anos do ensino fundamental.

O objetivo do estudo é compreender o papel das práticas de leitura na transição entre essas duas etapas da educação básica, os significados produzidos por adultos e crianças para essas práticas e o papel das mesmas para os processos de humanização desses sujeitos. Nos dois primeiros anos de sua realização a pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso realizado, simultaneamente, em dois contextos, pois participavam da pesquisa duas escolas da rede pública municipal de Juiz de Fora. A partir do terceiro ano apenas uma das escolas permaneceu como lócus de pesquisa, uma vez que a segunda instituição atende apenas até o 1º ano do ensino fundamental. Também a partir do ano de 2012 a pesquisa assumiu um caráter de pesquisa intervenção a partir da inserção da professora da turma no grupo de pesquisa e da adesão do grupo LINFE no projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), financiado pela CAPES.

A metodologia da pesquisa envolveu a observação participante, entrevistas com os professores regentes das turmas e, nos dois últimos anos, intervenções planejadas coletivamente com a professora da turma pesquisada. Foram realizadas análises transversais dos dados, ao longo de cada um dos anos do estudo e, ao seu término, uma análise longitudinal, considerando os quatro anos de pesquisa. Esses procedimentos analíticos permitiram compreender as especificidades dos momentos vividos pelo grupo em cada um dos anos nos quais o acompanhamos e, ao mesmo tempo, compreender a transição entre em educação infantil e ensino fundamental em sua historicidade.

Dos diferentes aspectos envolvidos nas experiências do grupo com a leitura elegemos, para fins da apresentação neste trabalho, os seguintes: os processos de mediação das relações entre as crianças e a leitura, com destaque para o papel dos adultos como mediadores dessas relações; os tempos e espaços de leitura em ambas as instituições, considerando o caráter de unidade entre sujeito e ambiente como constituidor das subjetividades; os gêneros discursivos abordados pelos docentes ao longo dos quatro anos do estudo e os sentidos produzidos por adultos e crianças para os textos a partir dos quais esses gêneros se materializaram.

Em seu conjunto os trabalhos apontam permanências e rupturas envolvidas na transição entre educação infantil e ensino fundamental tendo a leitura como mote para a compreensão desse processo.

## **LEITURAS E LEITORES NA TRANSIÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL**

**Gina Carla Costa  
Hilda Micarello**

**Márcia Mariana Santos de Oliveira**

O objetivo deste trabalho é refletir sobre como adultos e crianças, mediados pelos ambientes nos quais interagem, afetam-se mutuamente no processo de transição da educação infantil ao ensino fundamental. Alicerçados nos conceitos de historicidade e de unidade entre sujeito e ambiente, advindos da psicologia histórico-cultural, consideramos a especificidade dessas relações em cada uma das etapas da educação básica. Para Vigotski o homem, para satisfazer suas necessidades, constrói conhecimentos a partir de suas experiências pessoais e da apropriação de saberes que são fruto de sua experiência social (VIGOTSKI, 1925/2004 apud AGUIAR et. all, 2012). Assim abordamos a experiência com a leitura como uma experiência pessoal, de atribuição de sentidos para o texto e para a própria situação de leitura pela criança e, ao mesmo tempo, uma experiência social, mediada pelas relações entre crianças e entre crianças e adultos num contexto específico: o contexto escolar. Nosso olhar se volta para as interações das crianças nas brincadeiras, nos conflitos e colaborações e nas práticas de leitura enquanto ações que vivenciam umas com as outras e com os adultos, individualmente ou em grupos. A demanda por uma alfabetização cada vez mais precoce é um dos maiores dilemas que perpassam as relações entre educação infantil e ensino fundamental e aquele que mais diretamente impacta a vida das crianças nas instituições, as relações que estabelecem com os adultos e suas práticas culturais, de modo geral. Em contrapartida, o humano que se revela nas brincadeiras infantis nos interpela pensar na maneira como as crianças, à moda ave, como nos diria Manoel de Barros (2004), pegam olhar de pássaro e inauguram modos de sentir, de narrar e de ser. Inaugurar torna-se então uma espécie de palavra chave para pensarmos na prazerosa e difícil tarefa de escutar as crianças no cotidiano da escola e promover a emancipação delas, em contrapartida ao adestramento e à técnica. Considerando esses dados, um dos objetivos da pesquisa aqui apresentada foi compreender diferentes estilos de mediação que os professores realizam entre as crianças e o texto literário, as relações entre esses estilos e os processos de alfabetização e letramento das crianças e, ainda, os significados construídos pelas crianças para suas experiências com a leitura. Esta última é entendida enquanto prática cultural, humanizadora dos sujeitos e inserida no campo de produção de significados por esses sujeitos para suas experiências no mundo. Os dados produzidos ao longo do trabalho de pesquisa evidenciam que o ingresso no mundo letrado, dado seu caráter histórico, não pode ser concebido de forma linear, como sucessão de etapas: à educação infantil caberia despertar o gosto pela leitura e ao ensino fundamental ensinar a forma como se lê. É o desejo pelo texto que leva a criança ao interesse por sua forma e pela possibilidade de desvendá-lo. O modo como o professor se constituirá num mediador de leitura atento a ambas as dimensões desse processo de formação do leitor envolve processos de negociação, entre sua perspectiva e a das crianças, a partir dos quais significados para o que é ler e escrever se estabilizam. Palavras-chave: leitura, mediações, transições

## **O TEXTO COMO EXPERIÊNCIA E A EXPERIÊNCIA COM TEXTOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Fernanda da Silva Ribeiro  
Josieli A. de Oliveira Leite  
Maria Cristina Fontes Amaral  
Maria Rosana Rego  
Mariana Altomar**

Este trabalho se estrutura a partir de nosso interesse em olhar para os gêneros textuais como meio de penetrar na vida de um grupo de vinte e duas crianças e seus professores na educação infantil e, posteriormente, no ensino fundamental, e verificar, nessas diferentes etapas da vida escolar, como se davam as relações dos sujeitos com esses gêneros. Considerando, em consonância com Bakhtin (1997), que os gêneros do discurso são formas relativamente estáveis de enunciados, produzidos em diferentes esferas da vida social, buscamos compreender como esses enunciados são apropriados na esfera escolar, por adultos e crianças. Aprendemos com a psicologia histórico cultural, a compreender o sujeito em sua totalidade, colocando em diálogo aspectos internos e externos, ou seja, a constituição do sujeito enquanto ser biológico e cultural. Abordamos a experiência das crianças e adultos com os textos numa perspectiva de unidade entre sujeitos e ambiente. Nesse sentido, suas relações com os gêneros textuais são formas de atribuir sentido ao mundo e se expressar com relação a este mundo.

A partir do estudo longitudinal aqui apresentado foi possível observar que, na educação infantil, os gêneros privilegiados pelas docentes são os literários: contos, poesias, parlendas, trava-línguas. Entretanto, quando consideradas as duas escolas participantes da pesquisa, constata-se que a frequência, variedade e estilos de mediação dos docentes em relação aos textos oferecidos às crianças podem ser bastante diversos, o que repercute nos significados produzidos pelas crianças para a leitura. Observa-se que o contato com vários textos, em curto período de tempo, nem sempre se traduz numa experiência mais significativa das crianças com esses textos.

No ensino fundamental, aos gêneros literários são acrescentados alguns não literários – textos informativos, epistolares, injuntivos. As crianças ainda vivenciam as narrativas contadas várias vezes, mas a presença do livro se configura como um outro elemento mediador da relação das crianças com o texto. A apropriação desses textos também assume novos contornos, dada a centralidade que o processo de alfabetização assume nessa etapa da escolarização.

Neste texto apresentamos os elementos que nos permitiram mapear a presença dos diferentes gêneros textuais na educação infantil e no ensino fundamental, os sentidos produzidos pelas crianças para esses gêneros e o modo como se articulam com outras formas de expressão das crianças, como a música, a dança, a gestualidade e, principalmente, a brincadeira. São analisados os conflitos, ambiguidades, descobertas que atravessam o trabalho com os diferentes gêneros textuais que, enquanto situações específicas de produção de linguagem, refletem e refratam as experiências de adultos e crianças e no mundo. Discutimos como o processo de transição entre EI e EF pode ter como elementos facilitadores as interações, as brincadeiras e as práticas com os gêneros textuais. Percebemos, nessa pesquisa longitudinal, como esses elementos são facilitadores para a continuidade das práticas pedagógicas e convergem numa perspectiva de criança considerada em sua historicidade e unidade.

Palavras-chave: gêneros textuais, educação infantil, ensino fundamental.

## **TEMPOS E ESPAÇOS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Edinéia Castilho Ribeiro**

**Juliana de Sousa Lima**

**Maiara Ferreira de Souza**

Quais são os espaços escolares apropriados pelas crianças na educação infantil e no ensino fundamental? Como são organizados os tempos das crianças nesses espaços? Quais são os tempos e espaços destinados à leitura e como esses tempos e espaços são apropriados pelas crianças e pelos adultos? Como a organização desses tempos e

espaços concorre para que as crianças se percebam como sujeitos, parte do contexto escolar? Essas são algumas questões que buscamos abordar neste trabalho, que focaliza as relações das crianças e dos adultos com os tempos e espaços escolares no processo de transição entre educação infantil e ensino fundamental.

A categoria de unicidade entre sujeito e ambiente, desenvolvida no âmbito da psicologia histórico-cultural, fundamenta nossas análises. Para a psicologia histórico-cultural de Lev Vigotski, sujeito e meio constituem uma unidade. Isso implica a necessidade de considerar o modo como o sujeito se apropria do meio, no sentido de torná-lo próprio, para compreender como o sujeito se constitui como tal nesse meio.

A apropriação desse meio se dá a partir de uma determinada organização do tempo. Assim a rotina é compreendida como um elemento fundamental na organização institucional e de normatização das subjetividades de crianças e adultos que frequentam os espaços coletivos de cuidados e educação. Por esta razão o presente trabalho tem como objetivo compreender a organização das rotinas na educação infantil e no ensino fundamental, como essa organização contribui para a formação e desenvolvimento dos sujeitos e para as práticas pedagógicas. Focalizamos de modo especial os tempos e espaços destinados às práticas de leitura.

As reflexões apresentadas neste trabalho fundamentam-se numa análise longitudinal das diferentes formas de apropriação do espaço e da organização do tempo escolar pelas crianças ao longo dos quatro anos da pesquisa: na educação infantil, no primeiro ano de pesquisa, e no ensino fundamental, nos três anos seguintes. Essa análise permitiu compreender que a transição entre educação infantil e ensino fundamental é marcada por uma mudança de ocupação dos espaços escolares, assim como em novas formas de organização desses espaços. Tal organização privilegia determinadas ações em detrimento de outras. O espaço é organizado em função dos papéis que, espera-se, serão assumidos por crianças e adultos. Um exemplo disso é a organização das mesas e cadeiras destinadas às crianças: na educação infantil elas estão organizadas de modo a compor uma grande mesa coletiva; no primeiro e segundo anos, em duplas; e finalmente, no terceiro ano, em carteiras individuais.

A organização da rotina também se altera, havendo principalmente uma redução significativa dos tempos destinados à brincadeira em função da destinação de um tempo mais distendido às atividades de leitura e escrita.

Para além de uma avaliação das positivities ou negatividades envolvidas neste processo buscamos compreender como essas mudanças repercutem no tipo de relação que as crianças estabelecem com a leitura enquanto prática situada num determinado tempo e num determinado espaço.

Palavras-chave: rotinas, espaços, leitura.